



COMISSÃO DE CENSURA

VISADO PELA

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

ANO VELHO—NOVO ANO

Os Augures e as Sibilas; os Profetas e as Pitonizas; os Adivinhos, de compridas barbas encanecidas nas brumas das lendas homéricas, e as Bruxas de Feitiço, a cavallo em paus de vassoira; os Bordas d'Água, os Seringadores, os Almanagues, as Folhinhas de Cordel ou as Nigromantes, que liam o porvir nas entranhas fumegantes das vítimas e nos sardónicos risos das Estrelas Funestas; essa longa teoria clássica dos Alvidristas de Horoscopos e de Sinas — perderam de já para sempre e jámais o crédito fiado.

Quanto ao Juízo do Ano, nesta pèrda-quebra de assètos desacertados, deu-lhe o tanglo-manglo — foi coisa que sempre começou (como o imposto em Roma) por não ter juízo algum.

Ano vem — ano vai. São anos que passam. Passam os anos. Todos iguais. Diferentes, todos. Nem o meu é o teu ano; nem o teu ano de hoje é o teu ano de ante-ontem. Ano vai — ano vem. Os anos passam.

A gente saúda o ano novo, ao amanhecer do fresco Janeiro, iluminando-o com a alegria das suas próprias esperanças. Salvé, clarear da redenção! Avé, triste chave da miséria, convertido a milheiras cifras em cheque de multimilionário!

Mas, como a esperança é o desejo do que há-de vir, a esperança, por seu desejo: não se realiza; e para ser esperança: não vem. Para ser, para poder ser ainda o desejo e a esperança é: o que há-de vir...

Depois, o velho Dezembro, com seu bordão de caminheiro e no seu alforge de peregrino, vai recolhendo, naquele ar soturno e matemático dos varredores na manhã de Trevas depois a noite de Entrudo, essas esperanças mortas ao frio e à neve, que são, então, para quem as alimentou e susteve, as desilusões, azares, má sorte, poeira, entulho, cinza e trapo: tristes e pequeninas e imundas sementes, açoitadas pelos ventos da adversidade, de novas esperanças aladas... de mais esperanças desfeitas em outros desenganos — de que ressurgirão (se o ponto da morte as não afastar), espontâneas e floridas, novas e mais ilusões...

São os anos que passam. Ano velho — ano novo! O dia, em cansado anoitecer; a juvenil alvorada do novo dia. Duas folhas soltas de calendário: apenas algumas horas da vida. As horas do dia velho que morreu; as horas do novo dia que também já passou. E como voam, no áspero inverno, as fôlhas sêcas das árvores, assim voam as fôlhas do ano e dos anos da vida, as fôlhas que o vento leva.

Tem mão nelas, ó mocidade! Não as deixes voar, às fôlhas da vida, não as deixes voar, como sêcas ilusões perdidas e mortas, ilusões de novas desilusões, sempre remanescentes, sem a viveres inteira, no seu encanto e no seu amargor, bela e pérfida, à vida que passa nos anos que passam — ano vai, ano vem, ano velho — Novo ano!

Farpas

Novo Ano, Esperanças novas

Sempre que um ano acaba e outro começa, interrogam-se todos sobre o que virá, sobre o que será o ano que vai começar.

Será de esperanças? Será de desilusões? Sabe-se lá quantas surpresas, quantos castelos desfeitos, quantas derrocadas de esperanças se não sucederão no decorrer dos trézentos e sessenta e cinco dias deste recém-nascido.

Um vento de loucura, que arripia e enregela, sopra sobre o Mundo em desvario. Nasce, pois, sob um signo de incertezas, o rochunchado bebé 1937.

Conseguirá êle que sol volte a mostrar-se límpido nestes horizontes de névoa e de bruma? Ou será o fuzilar constante dos relâmpagos que se sucederá, com o rugir medonho dos trovões que abalarão os alicérces da Terra sobre a

qual não ficará pedra sobre pedra?

Incertezas e esperanças, alegrias e tristezas, risos e lágrimas, dores e martírios, tudo terá o novo Ano? Sem dúvida. Um ano que começa é um ponto de interrogação, imenso e enigmático. Não foge à regra êste de agora. Melhor ou pior que o que findou e lá foi levado no torvelinho do tempo? Certamente nem melhor nem pior para ser simplesmente igual.

Só assim, encarados sob êste aspecto, é que não poderemos ser surpreendidos nos desígnios imutáveis do ano que começa.

Que seja melhor que o outro, todos o desejam e anseiam. Mas se assim não fôr, continuemos a ter esperança porque... enquanto à vida, também a esperança não falta. E que seria de nós se assim não acontecesse?

S. João das Caldas,
Ano Novo de 1937.

X. X.

Carta aberta ao ANO NOVO

Ano Novo, nós vamos conversar, dizer duas pilhérias, larachar, suponho que serás bom *blagueur*, não me fales de coisas que são sérias, prefiro duas lérias com ditos picarescos, com *saveur*.

Mas antes de impingir's as tuas tretas, te peço que não metas o povinho em sarilhos atestados, que não venhas com grossa brincadeira, assim te peço e rogo, pois que os *manos* passados, no dizer já vulgar do nosso povo, *puseram-nos o sal bem na moleira*.

Vais desculpar a forma de dizer, atrevimento, sim, da minha parte, talvez por te escrever, mas isto, Amigo, em nada te desdoura, por te escrever assim em versos recortados à tesoura, dos tais que dão na vista, da escola modernista, mas acertando todos pelo fim.

Pois em verdade te digo, meu Menino e meu Amigo, precisas dum combóio de juízo p'ra compensar o mal que por aí há, pois olha que é preciso que muita gente má arranje um bocadinho mais de siso, não faça pouco assim desta pobreza, de tanta gente *tesa* como o simples mortal que aqui o diz. Pensa bem se é possível de começo, que tu surjas num gesto bem travesso, se puder ser, no próxima domingo, inventar uma fonte, um chafariz, que em vez de esguichar água, deite *pingo*.

Ele é lindo o maganão, já assim disse o Ortigão, e há muitas variações em prosa e verso desta bem verdade, é conceito já velho das Nações, já antes mesmo da Sociedade. Pois sendo a real moia disto tudo, sem êle nós teremos que parar na senda desta vida, o que te digo que é grande *canudo*, que a gente está perdida se não tem umas *c'roas* p'ra gosar. Se tu fosses um pouco mais crescido, haviás de sentir-te aborrecido por ver na rua passar uma môça a saltitar, que gostasse de ti e te impiscasse, convidando-te assim a passear. Agradava-te a pequena que era uma bela morena para fazer um pouco de pagode, mas se o bôlso não *pesasse*, ao certo estavas... *comido*. Ora aí tens, p'ra o teu *bigode*.

O gôsto humano, sabes, é bem vário, cada cabeça tem sua sentença, por isso vou parar, se dás licença, com êste arrasado, mas não fiques zangado, por favor, por eu *querer ensinar o padre-nosso ao vigário*. Há-de pois desculpar, perdoai-me Senhor...

Como esta conversa nossa está já muito comprida, comprida em demasia e um pouco enossa, vou dizer-te somente, meu Menino, que tenhas muito tino, de canseiras já está a gente farta bem cheia e mais moída, vê se trazes *sossêgo*, paz e amor, pois se nada assim fôr, quero que vás p'ra o raio que te parta.

Velhoardido.

COMPRIMENTOS DE BOAS-FESTAS

Vários amigos nossos vieram à nossa Redacção apresentar-nos cumprimentos de boas-festas, entre êles os srs. Delfim de Guimarães, nosso distinto colaborador, Amadeu da Costa Carvalho, ilustre Presidente da C. A. do Vitória Sport Club e Joaquim Larangeiro dos Reis, digno director da Casa dos Pobres.

Também nos enviaram cartões de cumprimentos, entre outros, os nossos amigos srs. P.º Alberto Gonçalves, Leão Martins e Eurico Almeida, ilustres colaboradores do «Notícias», Manuel Salgado Gonçalves, concessionário do Hotel da Penha, António Pimenta, Artur Carlos Frias, José Ferreira dos Santos, nosso estimado colaborador, Domingos da Rocha Guimarães, conceituado proprietário da Ouriveria Ancora, do Pôrto, a Gerência do Banco Nacional Ultramarino, desta cidade, os Mecânicos e Guarda-Fios da Rede Telefónica, etc., etc.

A todos retribuimos o desejo de um ano novo muito próspero e venturoso.

POEMA

Homem:

1.º
Nesta minha idade,
O coração
Já não é
Vibrante,
Sonoro
Tan-tan
Que faça exultar a vida
De venturosa alegria!

Na solidão
Em que hoje vivo,
Agora apenas me resta
O que me resta:
— Um coração cheio de bondade imensa,
Propelido,
Dinamizado
Por um esforço pungitivo.

Mulher:

2.º
Nesta minha idade,
Passaram já
As bizarras,
Quiméricas
Fantasias da mocidade!

Ao Abril re florido e rutilante,
Matiz da nossa juventude,
Sucedeu
O Inverno
Das lufadas do vento norte,
Dos caudais da água sussurrante,
Das neves imaculadas,
Eternas...

Aceitai

Um longo adeus!

Ao lado da desventura,
O amor fraterno.

1936.

L. COELHO.

Crónica do Pôrto

Natal—o lar em festa

Desço ao mais profundo de mim mesmo e não encontro, dentro do espirito puramente belo do belo, do grandioso, nada que possa roçar, ao de leve, na perfeição, na harmonia, na formosura, na pureza, no simbolismo da festa do Natal.

Perdida na imensidão do tempo, a festa do Natal, que o calendário cristão recorda a poucos dias do fim de cada ano, é a manifestação mais humana que uma lenda pode consagrar.

Lembrada e comemorada em todos os lares, — modesta e simples entre os pobres, deslumbrante e ruidosa entre os ricos, triste entre os miseráveis, — a festa do Natal é a festa da bondade e da harmonia — é um poema delicado de amor, tão carinhoso, tão suave, que chega a ser inegalável.

Não há, entre todos os dogmas dados pela alegria colectiva, nada que se possa assemelhar ao quadro verdadeiramente belo que nos oferece a Festa da Família.

As crianças exultam de entusiasmo, em redor dum pinheiro minúsculo, enfeitado com brinquedos e guloseimas, que os seus olhos cubiçam com ansiedade.

Os Pais, radiantes, felizes, compartilham da alegria sa da petisada, parecendo voltar à meninice.

A satisfação dos velhos mistura-se com o júbilo das crianças. Tudo é harmonioso e encantador, — desde o pinheiro enfeitado, luzente, bonito, que é o enlêvo dos miúdos, ao sentimento de ternura que enche os nossos corações.

Dentro d'êste ambiente que, através dos tempos, o Natal vem tornando atávico, não há ninguém que não sinta uma sensação de extraordinário bem-estar, ante a cenografia que esta festa cristã heroica em todos os lares.

E' que a Festa do Natal, mimosa e simples, plena de saúde, de nostalgia, transbordante de amor — vive na alma, como a mais querida e inolvidável recordação...

Se, na cidade, o tradicionalismo da

Festa é belo, — na aldeia torna-se rítmico, nunca perdendo aquele sabor místico que a lenda lhe empresta.

Recordo, ainda, com prazer, uma noite de Natal passada numa aldeia do norte, perdida entre a beleza dum recanto pitoresco do Minho.

... Caía a neve, embranquecendo os campos. O frio, cortante, cá fora, era amenizado, no interior da casa, pelo calor da lareira. Ultimavam-se os preparativos para a Ceia.

Na cozinha, saía do forno o pão coado, ainda quente, fumegante, fabricado especialmente para a Noite de Natal — e num pote enorme, de ferro, apurava-se o tradicional bacalhau.

Na sala de jantar, a mesa estava posta, aguardando somente, que chegassem as últimas pessoas que faltavam, — filhos da casa que o Destino atirara para a cidade, e que na Festa íntima do Natal não podiam deixar de se associar à alegria da família, reunindo-se, de novo, depois de um ano de ausência.

Não é possível descrever aqui, — porque não encontro palavras que possam compendiar a cena a que assisti e que jamais poderei esquecer, — quanto vale o abraço de boas-vindas que recebem os recém-chegados.

Vai nele toda a dedicação de um Pai, todo o amor de uma Mãe, toda a afeição de um irmão e a amizade de um amigo.

A cena enternecedora da chegada é um hino ao amor.

Eu vi lágrimas de satisfação brotarem dos olhos de uma Mãe, correndo pelas faces encarquilhadas pela velhice, vi desenhada no rosto de um Pai a alegria e contentamento — e adivinhei em todas as almas uma exteriorização de prazer, bem fácil de interpretar.

Estava tudo pronto — e a Ceia teve início.

O bacalhau, as batatas, as couves, os ovos, todo o acompanhamento triunfal do prato característico que a lenda assinala para a Noite de Natal, começou a ser sacrificado ao apetite dos convivas.

As canecas de barro, com o vinho saído, há pouco, da adega, esgotavam-se, a seguir.

Não há tristeza — esquecida pela alegria que os filhos, ausentes durante tanto tempo, trazem ao lar nessa noite sagrada do ano.

São êles que mantêm a conversa,

A' laia de «Janeiras»

«As Janeiras» são «Os Reis» cantados antes do tempo, e nós vimo-las cantar mesmo sem consentimento porque vós todos sabeis a *grandeza* d'êste dia, e a candeia que marchar mais na frente, é que alumia.

Os três Reis seguem caminho sob um sol ardente e belo, os dois brancos e o pretinho, cada qual em seu camelo, procuram o Redentor para os lados de Belém, o Menino, o Salvador que Nossa Senhora tem.

Correm velhos e mais novos, correm todos à porfia, cheios da forte alegria que enche bem o peito a todos, ali não falta ninguém, as creanças são bem ativas, e como êles, nós também vamos aqui dar uns *vivas*.

Quem diremos nós que viva?

Na folhinha duma aveia, um homem, dois, mesmo três, que amparem mais uma vez nossa querida Assembleia.

Numa folha que não trema, o amigo e senhor Jordão, único que tem na mão o projecto do cinema.

Nas folhas dos roseirais, uma verba designada p'ra que seja calcetada a Avenida dos Pombais.

Nas folhas de arbustos vários, um grupo bem avultado para as lojas do Mercado já terem arrendatários.

Num doce favo de mel, alguém que possa apar'cer para se poder fazer o restauro do Quartel.

Na rodinha duma azenha, quem sempre fizer girar sem nunca mais acabar a camionete da Penha.

Nas asinhas dum pardal, quem tenha bom coração para que a iluminação seja melhor no Toural.

Na lâzinha dum camelo transformada em cobertor, aquele que der calor ao *fauno*, que está em pêlo.

Num doce e belo *bonbon* feito da massa mais fina, o professor senhor Nina, regente do *Orfeon*.

Na folhinha duma hortense, a bela rapaziada que traz tão bem afinada A Orquestra Vimaranesa.

Num sumarento limão que é uma fruta bem notória, toda a gente do Vitória, jogadores do *campião*.

Num barquinho a baloiçar entre beijos e pagode, aquele que deixar pode a Academia bailar.

Num viçoso e belo arbusto que só de vê-lo consola, o grande mestre da *bola* que se chama Alberto Augusto.

No cofre dum velho avaro podendo gastar sem mágua, quem p'ra beber nos dêr água visto que o vinho está caro.

Num lindo e doirado amor que tenha perfume fino, viva o senhor Antonino que é o nosso Director.

Num ramo lindo de flores sem lhe faltar a violeta, a gente cá da *gazeta* mais os colaboradores.

No mais macio colchão dormindo com bem *sossêgo*, quem neste cantar de cego ajudar

Camara Dão.

durante o jantar, contando a sua vida na cidade, — elogiando o patrão, historiando uma paixoneta de amor, descrevendo o burgo com toda a beleza que enche os seus olhos.

Sucedem-se as perguntas, num crescendo de ansiedade, contam-se as novidades da aldeia, inquire-se do filho de Fulano, da saúde de Cícrono, que nunca mais voltaram, e comenta-se a vida dos vizinhos, ora

maldizendo duns, ora enaltecendo outros. Depois — tem lugar a sobremesa. A' alergia e às rabanadas sucedem-se os «formigos» e as «orelhas de abade».

Natal — o lar em festa. Festa íntima, festa de amor e ternura, — tão humana, tão impressionante...

Ruy de Lucena.

Aos srs. assinantes da cidade

Prevenimos os nossos estimados assinantes da cidade de que vamos iniciar a cobrança de mais um trimestre (série de 12 números) esperando o bom acolhimento de todos, o que muito agradecemos.

COM A DEVIDA VÊNIA...

Alberto Vieira Braga, ilustre e dedicado director, amigo certo e seguro, da benemerita Sociedade de Martins Sarmiento, vimaranense tão distinto e querido como modesto, leal e apurado, teve a feliz ideia — feliz e generosa — de publicar, em separata (ao volume XXXIV) da Revista Lusitana, mais este seu interessante e cuidado trabalho — As vozes dos sinos na interpretação popular, e a indústria sineira em Guimarães — (1936 — Imprensa Portuguesa — Rua Formosa, 108 — Porto).

O seu novo estudo tinha corajosamente de vencer muitas e muitas dificuldades, tanto maiores e mais graves quanto a matéria pareceria corredia e substanciada de informações copiosas, mas estranhas umas, suspeitas outras — ele soube, porém, seguro na pesquisa, reflectido no estudo, criterioso na visão, procurando bem e joirando melhor, dar-nos, com inteireza e naturalidade, em forma elegante e clara como em leitura cômoda e atraente, toda a essência vasta e compacta, com os precisos e documentados pormenores e os bons elementos de informação, sempre que necessários, segundo a sua já bem conhecida probidade. Depois de leve introdução, bem elucidativa, sobre os usos e tradições dos sinos, com suas reflexões na vida civil e eclesiástica, o seu estudo abrange: Os sinos dentro da tenda — Os sinos que tocam por si; Sinos que aguentam as trovoadas — Campanhas bentas, ou de Santa Bárbara; Toque de badaladas para alívio das parturientes; Usos e superstições várias — O sino na interpretação popular das suas vozes e do seu baptismo; Os sinos dentro da poesia, adivinhas e romances populares; Subsídios para a história da indústria sineira em Guimarães — Inscrições dos sinos da cidade. Esta última parte, além de conter preciosos materiais inéditos, é sobretudo curiosa pelas inscrições exactas dos sinos da cidade e os do Convento da Costa. Ao autor não damos parabéns — ésses a nós os damos por termos mais este seu trabalho; ao autor, felicitando-o, os nossos agradecimentos.

«Só o português dispõe de uma palavra que exprime, ao mesmo tempo, solidão e presença, desconforto e consólio. A saúde vive só e acompanhada. Traz à ausência a presença querida. Reparte-se entre os que partem e os que ficam, e permanece a mesma em ambos. Deparece, talvez, nos que morrem, mas estes, antes de se irem, levam como derradeiro consólio a certeza de que a saúde lhes perdurará a memória nos corações que ficam. Os dicionários embalde porfiam por defini-la. Recordação? Falta-lhe a tristeza. Soledade? Falta-lhe a evocação, que a espiritualiza e sem a qual a saúde não é saúde. Tristeza? Nem sempre, porque há saúdes alegres. Como caracterizá-la? Para conseguí-lo, seria preciso fazer a histologia do coração e definir a complexidade dos sentimentos que lhe fazem estremer as fibras. Nenhuma língua conseguiu traduzir essa palavra. Porquê? Porque nenhuma é indice de uma sensibilidade como a nossa. Por isso nenhuma a compreende. Haverá

ai um mistério anatómico? Os ouvidos e os olhos da Raça da Saúde estarão mais perto do coração do que os dos outros? Talvez que sim. Basta a palavra saúde, que domina o vocabulário universal, como a Vitória Régia o reino das flores, para que o português não inveje língua alguma. Vêde os seus milagres. Fla repete diáriamente Homero e S. Francisco de Assis. Ilumina de sorrisos e lágrimas a visão dos que se partiram e abre em flores os espinhos da ausência. Afuge mas consola, e, porque é assim, ninguém lhe repudia a afição para não abrir mão do lenitivo. São benvindas as suas lágrimas, que distilam um alcaloide especial para a anestesia do sofrimento. Um astrónomo viu no Setestrela o centro de gravidade do Universo. As sete letras da Saúde formam o Setestrela da lexicologia.»

(Baptista Pereira—Brasileiro)

As moças bonitas são como as andorinhas: levam a felicidade às casas.

Houssaye.

Não são os destinos vulgares, são os homens.

Paul de Musset.

A mulher é muitas vezes um capricho com forma humana.

Oliveira Martins.

As mulheres nunca vêem o que fazemos por elas: vêm sempre e vêm só o que não fazemos.

Courteline.

D. Rafael Bluteau, Clérigo regular, Doutor na Sagrada Teologia, Pregador da Rainha da Gran-Bretanha, Qualificador do Santo Officio e Acadêmico da Academia Real (nascido em Londres, em 1638, de pais franceses, residiu em Portugal, cuja lingua aprendeu e cultivou a ponto de escrever o célebre Vocabulário, e morreu em Lisboa em 1734), considerado um dos homens mais doutos do seu tempo, no curioso livro — «Prosas Portuguesas», recitadas em diferentes congressos académicos (Lisboa Ocidental—M.DCC.XXXIX), encerra várias lições académicas (recitadas na Academia Eriiceiriana) (1), sobre Os sete mais célebres axiomas dos sete sábios da Grécia, combinados com sentenças dos velhos da Lusitânia, ou seja com velhos rifeos dos nossos antepassados. São estes:

1) No Templo de Delfos fêz Chilon gravar em letras de ouro umas palavras «que traduzidas do Grego em Latim, valem o mesmo que Nosce te ipsum— conhece-te a ti mesmo. Temos nós o Rifeo Português, quasi em uma palavra — Conhecer-se, e temos outro Adágio que diz — Não se conhecer a si mesmo.

2) Deixou Solon um axioma Grego que dá em Latim: Ne quid nimis. Temos dois Adágios correspondentes — Tudo se quer em meio, ou — O muito é muito. (Todos conhecem um terceiro, hoje muito corredio — Tudo o que é demais, é erro).

3) Bias, «um dos maiores poetas, oradores e juriconsultos da sua idade», tendo de abandonar a cidade de Pirene, depois de rudemente atacada e custosamente rendida, saiu dela com as mãos vazias: «e perguntado porque razão não levava coisa alguma, respondeu que consigo levava tudo o que era seu — Omnia bona mea mecum porto. Tomamos nós do Castelhana — Lo que tengo, comigo lo traigo — o nosso — O que tenho, comigo o traigo —, que, embora de applicação literal mais restrita, vem a dizer o mesmo.

4) Pitaco, famoso guerreiro e legislador de Mitilene, e por isso também conhecido na História como Pitaco Mitileno, deixou esta Sentença — «Paucus amicos rebus adversis proba, «a que responde este Adágio ou Rifeo dos Velhos da Lusitânia: — Nos trabalhos se vêem os amigos.

5) Cleobulo, filho de Evagora, Rei dos Lindios, natural da Ilha de Rhodes, educado no Egipto. Eis o seu axioma — Beneficendum amicus, ut conserventur, inimicus, ut reconciliantur: «Faze bem a todos: aos amigos para os conservar, aos inimigos para os reduzir». E diz Bluteau: «O Rifeo dos Velhos da Lusitânia, com mais sucinta energia diz — Faze bem, e não cates a quem», ou, em sua forma hoje mais usual — Faze o bem, não olhes a quem (.)

6) Periandro, de Corinto, abominável tirano (Platão preferia-lhe Mison, de Chenes), deixou, entre a memória das suas crueldades e ignomínias, este dizer — Si Fortuna juyat, caveto tolli: — «Com a boa fortuna não te levantes a maiores, ou — A roda da fortuna nunca é uma.

7) Tales Milésio, de Mileso, cidade principal da Jónia, astrónomo célebre, o primeiro que prognosticou os eclipses, observou as estações do tempo e dividiu o ano em 365 dias. O seu axioma mais famoso diz, em Latim — Vita perit, mortis gloria non moritur. «Os nossos Velhos da Lusitânia... disseram com heróica Portuguesa generosidade — Perca-se tudo, fique a boa fama.

(1) O Conde de Eriiceira, D. Francisco Xavier de Menezes, era amigo e admirador de Bluteau. Em sua casa se reuniam estas academias.

(2) Esta lição foi recitada no Paço de Lisboa, em 1717, na presença de D. João V, da Rainha, do Infante D. Antonio, da Infanta D. Francisca e da Corte e Nobreza, na antecâmara da Rainha.

O NATAL DOS NOSSOS POBREZINHOS

Dar aos pobres, é emprestar a Deus, e os ricos e os remediados devem lembrar-se dos muitos pobrezinhos que levam a vida inteira a sofrer e a chorar a sua triste condição humana.

Migalhas é pão! — e os nossos leitores vão, sem dúvida, dar uma esmola — pequena embora — para confortar muita miséria oculta, para consolar muita alma triste, para enxugar muitas lágrimas envergonhadas.

Lançamos este nosso apêlo em nome da Caridade, certos de que todos — ricos e remediados — o escutarão.

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries for E. J., Francisco Matos Chaves, Anónimo, Dias & Carvalho, L., and Total 2.018\$00.

Por absoluta falta de espaço deixamos para o próximo número a relação das famílias e pessoas contempladas.

Hoje apenas queremos aqui deixar exarado o nosso profundo reconhecimento e louvor a todas as pessoas — e muitas foram — que acorreram, generosamente, ao nosso apêlo feito em favor daqueles que nesta época nos batem à porta pedindo um pouco de auxilio que dê alegria aos seus lares.

E os nossos leitores — os de perto e os de longe — compreenderam o nosso apêlo e depressa vieram auxiliar-nos na missão a que uma vez mais e em nome da caridade nos propusemos.

Que Deus lhes agradeça e que daqui a um ano a nossa iniciativa volte a ser, como o foi no Natal que passou, coroada do melhor êxito. São estes os nossos votos.

Lírica

Fique, sim! Não vá, não? Tem pena de mim, Coração!

Virtude minha, Meu cabelo louro, Não vá! Asinha Não me dá tesouro!

Fique, pois! Não deixe, quem Lhe pede beijos, dois Meu bem!

Um de cada lado, E outro aqui, No coração magoado Que gosta de si.

Era uma tristeza Não me ter amor! Mas com certeza Não dura este horror!...

Nos seus olhos lindos Onde amanhecem, Prazeres infindos Não esquecem...

— Olhos meus, doentes! Diz-lho então! E diz-lhe também que sentes Coração!

— Diz-lho a ela, Em segrêdo, A' luz de uma estrêla, Baixinho, a mêdo!

A mêdo, Muito baixinho, Não descubra o arvoredor, Voltas do teu carinho.

Diz-lho a ela para que entenda Seu olhar distraído. Sente, para que compreenda O seu sentido!...

Guimarães — 1936. Manuel Ayres.

DESPORTO

Vitória, 3 — Boavista do Pôrto, 2

Um bom triunfo do grupo vimaranense — Bom foot-ball que o mau tempo prejudica.

Como organização de Natal, o «Vitória» de Guimarães não quis desmerecer dos seus créditos e vá de convidar grupo que constituisse cartaz, certo de que assim poderia satisfazer os desejos dos seus associados e também proporcionar aos seus players conhecimentos que nunca é demais aproveitar.

Deste modo endereçando convite a «Boavista» do Pôrto, segundo classificado no campeonato regional do Norte para a 1.ª Liga, arriscou-se a desequilibrar os seus orçamentos, dada a incerteza do tempo, em proveito de um jogo que em tudo beneficiaria o alcance desportivo da sua Comissão Administrativa — em verdade tomada de uma consciência que podemos considerar exemplar.

Pena foi que nem todos os desportistas desta cidade reconhecerem o sacrificio que esta organização representou — habituados como andam a aceitá-lo como bom nas «algiebeiras» dos outros para regalo de um victo

que lhes apraz e é já considerado como indispensável — eximindo-se ao cumprimento do seu dever para, em seguida, censurar aqueles que tiveram o ossio de levar no preço dos bilhetes uns \$50 ctv. a mais.

Não se compreende este dualismo de opinião!

A Comissão Administrativa do «Vitória» não consegue suprir as suas despesas com «vivas» e com palavrado alentador. Os luxos pagam-se, e ai da nobreza orgulhosa que emboita os seus pergaminhos nos trapos poídos da sua indumentária.

E' caso para se dizer: ou partilharmos todos do sacrificio ou melhor será carrear a sorte do nosso único club desportivo.

O desafio teve lugar às 15 horas, tendo o «Boavista» apresentado a seguinte formação: Pesqueira; Monteiro e Guimarães; Ferreira da Silva, Adérito e Cortez; Laguna, Ferraz, Costuras, Alector e Almeida.

O «Vitória» entra em campo com a equipe a saber: Adélio; João e Lino; Lima, Zeferino e José Maria; Vergílio, Miranda, Clemente, Alberto e Laureta. Recebidos os dois grupos com estridentes ovações, toma o comando da partida o conhecido árbitro, sr. António Neves.

Iniciado o jogo, logo se denota que não há vantagens territoriais e que os dois teams são de equilibrado valor. Os diferentes sectores trabalham com intuição e decidida chance mostrando conhecimentos profundos e exibindo desmarcações que dão especial relevo a esta partida, especialmente da parte dos dianteiros vimaranenses que mostram mais poder de penetração. Aos 15 minutos, o marcador principia de oscilar, mercê de uma oportuna intervenção da meia-direita Alberto, dos alvi-negros. O «Vitória» alcança o seu primeiro ponto — o que provoca grande entusiasmo. Posta a bola no centro, esboçam-se novas tentativas de ataque, salientando-se a defesa vimaranense pela atenção com que se conduz. Decorridos 15 minutos mais, é ainda Alberto quem recolhe um passe de Clemente e shuta a contar o 2.º goal. Nova ovação do público assistente. O «Boavista» procura reagir, mas todas as oportunidades se perdem pela intervenção dos nossos halves e defesas.

No 2.º tempo, a chuva cai intensamente e encharca o terreno. O jogo não perde em caracteristica, mas verifica-se que, sendo o «Boavista» um grupo mais pesado, consegue agarrar-se melhor ao terreno. A equipe «axadrezada» força o ataque com lances de bom association e consegue marcar por intermédio de Alector. O «Vitória» responde com uma vistosa avançada que termina com um bom remate de Clemente a fazer subir o marcador para 3. Quasi no final, Lino procura passar uma bola a Adélio, que, não contando com a prisão e atrito do terreno, se vê batido pela entrada de Costuras que vinha na corrida. Delineados alguns passes, António Neves põe termo à partida.

Como comentários, realçaremos a linha dianteira dos dois grupos que soube impor-se de maneira a satisfazer os mais exigentes. Boa combinação, soberbas desmarcações e maior penetração.

Na linha de halves vimaranenses, salientaremos Zeferino e Lima. José Maria teve uma 2.ª parte simplesmente detestável. Adérito, do «Boavista» foi de longe o melhor dos meios defesas do seu grupo. João, defesa vimaranense foi oportuno e valente. Adélio e Pesqueira, equipararam-se.

L. Coelho.

Em FAMILICÃO

Jogo de Campeonato que, afinal, foi extra-campeonato.

Vitória, 5 — Famacão, 0

O «Vitória» de Guimarães, obrigado a deslocar-se novamente a Fama-

licão pela decisão do Conselho Jurisdiccional da A. F. de Braga, venceu o seu adversário com relativa facilidade e por um score mais expressivo do que no primeiro jogo da 2.ª volta. E o contrário não era de esperar porque a diferença de classe entre os vimaranenses e famalicenses é grande e notória.

O «Vitória» teve um jogo fácil. O marcador subiu até 5 e poderia ter ido muito mais além se os seus avançados não desprezassem ótimas ocasiões de «goal» feito. Todos os seus compartimentos se entenderam durante os noventa minutos de jogo, assentaram na sua toada e dispuseram sempre do adversário. Ricoca poucas vezes foi chamado a intervir, e quando o fez, foi sempre com segurança. Os defesas foram sempre oportunos nos despachos. Nos médios é justo salientar o trabalho de Zeferino. Na linha da frente, todos cumpriram.

Os famalicenses jogaram sempre desconjuntados e alguns jogadores abusam do jogo feio. O guarda-redes salientou-se dos restantes colegas. Pouca ou nenhuma intuição tem o jogo da bola. Correm muito atrás do esférico e com isso só se cansam.

A arbitragem, posto que não fôsse um primor, agradeceu. Pecou várias vezes por beneficiar o infractor com as suas decisões.

António Neves.

Na sua chegada a Guimarães os briosos jogadores foram aclamados por uma multidão de muitos milhares de pessoas que não se cansaram de soltar vivas ao Campeão Distrital.

Dois bandas de música executaram pelas ruas o Hino da Cidade, notando-se em todos os rostos uma grande e justificada satisfação.

João de Deus

através a sua prosa e a «Cartilha Maternal»

III

«A linguagem como se fala actualmente é imperfeita. O que fizeram os grêgos e os romanos? Meteram-na a compasso. Vieram os povos modernos e deram-lhe a harmonia. Foram dois passos largos e vagarosos como são sempre os passos da humanidade; mas não se concede, hoje em dia, aperfeiçoamento na expressão da ideia, — senão por meio da aliança das artes. O que é o verso e a rima? E' uma nova lingua? E' uma nova sintaxe? Não há duas linguas em um povo, nem duas sintaxes em uma lingua. O verdadeiro verso rimado é o que respeita profundamente o tesouro público da lingua nos seus elementos e combinações estabelecidas; não vive à custa da ordem da propriedade, da clareza devida ao aspirito, que está em primeiro lugar, não acrescenta nem tira nada; fala como se costuma falar; diz o que se deve dizer, e sem a mais pequena diferença da linguagem usual, a sua é compassada e harmónica. Este verso não é mudo; funda-se na natureza das coisas, há-de durar enquanto o homem tiver pernas e ouvidos».

E agora surge um grave problema. Deve acrescentar-se que para bem se estudar e compreender o poeta, é indispensável o estudo simultâneo e aturado da sua magnifica prosa. Mas como obtê-la se ela se encontra dispersa pelas longas colleções jornalísticas e como sepultada no anónimo? Para o «Campo das Flores», ainda

Transportes Mecânicos

= BRAGA =

Avisa o Ex.º público e comércio que tem uma Carreira de Mercadorias que parte do seu escritório de Braga, às terças, quartas e sextas-feiras, às 13 horas, e de Guimarães das casas Braga & Carvalho e Oliveira & Silva, às 18 horas. Fazemos a distribuição das mercadorias no domicilio e encarregamo-nos de todas as encomendas na Praça de Braga.

Magalhães, Armão & C.º

(240) BRAGA

havia a assinatura do autor; e apesar de muitas composições apócrifas, João de Deus era consultado, para reconhecer as que escrevera e rejeitar as que não sendo suas se assemelhassem pelo estilo. Foi através dos jornais — o «Bejense» e «Folha do Sul», que Teófilo Braga tomou conhecimento das prosas de João de Deus. A história trágica de «Marina» em versos inegaláveis, apresenta uma outra redacção em prosa, onde tange o sentimento que faz recordar, por assim dizer, os trechos mais ingenuos e apaixonados da «Menina e Moça» do grande Bernardim Ribeiro.

(Continua) Espôzende, 1936. Domingos Gomes.

Número do Natal

Muitos amigos nossos e alguns estimados colegas, felicitarão-nos e referiram-se ao número do Natal, nos termos mais cativantes. Agradecemos sinceramente.

Falta de espaço

Devido à grande falta de espaço com que lutamos no presente número, fica-nos de fora vário original, noticiário e a secção «Dos Livros. Dos Jornais».

OS POBREZINHOS NO NATAL

Um benemérito — No Albergue de S Crispim — Na Casa dos Pobres

O benemérito sr. Francisco Pacheco Barbosa, nosso dedicado amigo, ausente no Rio de Janeiro, fez distribuir, por ocasião do Natal e por intermédio dos conceituados comerciantes locais Srs. Teixeira de Abreu & C.ª, agasalho no valor de 400\$000 pelos pobres da nossa terra, mostrando assim, uma vez mais, ser um verdadeiro amigo da nossa Terra. Bem haja pelo seu gesto.

— Revestiu a costumada solenidade a Ceia de Consoada dos Pobres no Albergue de S. Crispim, festa encantadora que há muitos séculos ali se vem realizando, sempre, com geral simpatia e agrado da cidade inteira. Os pobrezinhos ali se foram sentar, à mesa, sendo-lhes servida uma abundante refeição.

Juntaram-se, no recinto e durante a consoada dos Pobrezinhos, muitas pessoas que não esconderam a sua satisfação para assistirem a tão simpático acto e não deixaram de louvar os seus promotores.

— Na Casa dos Pobres foi feita na ante-véspera do Natal a distribuição dos donativos que o digno administrador do Concelho, Sr. Tenente Artur Lameiras, conseguiu para os Pobrezinhos de Guimarães. E' digna de louvar a iniciativa da illustre Autoridade a quem não podemos deixar de felicitar.

Assinar o «Noticias de Guimarães», é dever dos vimaranenses.

Fábrica Manual de Calçado

JOSÉ ANDRÉ & C.^A

Telefone, 168

GUIMARÃIS

Movimento associativo

Associação Fúnebre Familiar Operária Vimaranesse

Eleição dos Corpos Gerentes para 1937, realizada em 27 de Dezembro de 1936 da Associação de Socorros Mútuos Fúnebre Familiar Operária Vimaranesse:

Assembleia Geral — Presidente, Manuel Machado, industrial; 1.º Secretário, António Fernandes, industrial; 2.º Secretário, António de Castro Martins, imp. tipográfico.

Direcção — Presidente, Agostinho Carneiro, surrador; Secretário, Salvador de Araújo Dantas, tipógrafo; Tesoureiro, Francisco Teixeira da Mota, emp. camarário; Vogais, Gabriel Pereira, cortador de calçado; Sebastião de Freitas, industrial; Horácio Ladeira, fabricante de calçado.

Substitutos — Presidente, José de Melo Soares, industrial; Secretário, Caetano José Ribeiro, emp. camarário; Tesoureiro, Delfim Dias, distribuidor do correio; Vogais, António das Neves Saravia, emp. industrial; Carlos Gonçalves Coelho, emp. camarário; Joaquim de Freitas, cortador de calçado; Domingos Alfredo Mendes, alfaiate.

Conselho Fiscal — Emilio Pereira de Macedo, emp. comercial; Caetano José da Costa, curtidor; José de Miranda Júnior, emp. camarário.

Substitutos — Joaquim Garcia, emp. comercial; Alfredo Dias da Fonseca, tipógrafo; Domingos Fernandes, alfaiate.

Casal de S.º André

Aluga-se o Casal de Santo André, onde actualmente habita o sr. Alberto Costa.

Tratar com João António Sampaio — Guimarães. (239)

Vida Militar

Do nosso prezado colega «Correio do Minho» transcrevemos a seguinte notícia:

«Pel. sr. Comandante da Escola Prática de Infantaria, em Mafra, onde actualmente é regente da Banda de Música daquela Escola, foi louvado o nosso prezado amigo, sr. António Ribeiro de Castro, sargento-ajudante músico, pela dedicação, proficiência e manifesto zelo com que tem chefiado a Banda de Música da E. P. I., composta exclusivamente de elementos profissionais, contribuindo desse modo para que este estabelecimento mantenha as suas honrosas tradições, mesmo no que diz respeito a este ramo de serviço artístico.

De facto, o sargento-ajudante músico, sr. António Ribeiro de Castro, é um compositor distintíssimo, que à custa do seu talento, tem conseguido grandes triunfos, sabendo-se impôr pelos seus merecimentos e pela natureza das partituras que escreve, revelando-se, assim, um famoso e proficiente artista, que muito honra a cidade de que é oriundo, Guimarães, e os seus conterrâneos.»

E' com muito prazer que registamos este facto nas nossas colunas, ao mesmo tempo que endereçamos aquele nosso conterrâneo as mais sinceras felicitações.»

Agradecimento

Clemente Rezende, sua esposa e filhos, impossibilitados pela sua grande mágoa de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que lhes apresentaram os sentimentos e os acompanharam no seu pesar por motivo do falecimento do seu querido filho e irmão, Artur Rezende, vem fazê-lo por este meio, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária e manifestando a todos o seu profundo reconhecimento. (236)

Vida Católica

Festividade do Menino-Deus

Em vários templos da cidade e freguesias do concelho, realizaram-se, as costumadas solenidades comemorativas do Nascimento do Redentor, que revestiram a imponência dos anos transactos.

— Em Campelos realizou-se uma festa promovida pelos rapazes seteiros. Houve missa cantada e sermão e, de tarde, Bazar de Prendas e concerto pela Banda das Taipas.

Festa de Santa Luzia e Romaria

Decorreu com muito brilho e imponência, a festa e procissão de Santa Luzia, realizada no domingo, dia 13, no templo de S. Dâmaso. De manhã houve missa cantada, a grande orquestra, e sermão pelo rev. Coadjuvador de Fafe, que foi eloquente na sua oração, tendo-se-nos revelado um orador distinto.

De tarde percorreu as ruas da cidade, na melhor ordem e compostura, a Procissão de Santa Luzia, em que tomaram parte várias irmandades e confrarias, muitos anjinhos, clero, etc., fechando o religioso préstito a Banda dos B. V.

Merece louvores a Mesa da respectiva irmandade, pelo brilho que soube imprimir à festividade, especialmente à procissão, que há mais de 20 anos não era levada a efeito.

Foi muito concorrida e decorreu com muito brilho, a festividade e romaria de Santa Luzia, realizada em igual dia na rua de Francisco Agra, onde, durante o dia e parte da noite, se realizou o tradicional arraial, este ano abrihantado com fogo, música e iluminação, por iniciativa do sr. Bernardo Barreira, que é digno de parabéns.

Foram muitas as esmolas oferecidas à milagrosa imagem.

VENDE-SE

Em Santa Eufémia, próximo das Taipas, com estrada, uma linda propriedade, vedada, com bons campos de cultura, com água e mato, produzindo bom vinho, frutas e milho.

Tratar com o solicitador Augusto Silva. (238)

Vida Artística

Orfeão de Guimarães

Duas noites de arte, em Vizela, no dia 13, e nesta cidade no dia 20, proporcionou o nosso magnífico Orfeão que, sob a hábil e distinta regência de Filinto Nina, maestro consagrado, conquistou, assim, novos triunfos, em dois saraus que constituíram verdadeiro êxito.

Ao sarru de Vizela não nos foi possível assistir, mau grado nosso, e embora a direcção do excelente agrupamento nos tivesse honrado com um gentil convite, que aqui muito agradecemos. Sabemos, no entanto, que a audição marcou um lugar de relevo na arte coral, tendo sido muito apreciados todos os números. Por distintos amadores, que bem souberam desempenhar-se dos seus papéis, foi levada à cena a «Anedocta», de Marcelino Mesquita.

Todos foram muito aplaudidos pela numerosa e distinta assistência, que enchiu por completo o elegante Teatro-Cine da risonha Vila.

No sarru do dia 20, que foi realizado no Salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia e em festa dedicada aos sócios auxiliares do nosso Orfeão, observado o seguinte programa:

I Parte — Acto variado (canções e recitativos pelos componentes do Orfeão).

II Parte — Pelo Orfeão: «Hino do Orfeão» (Versos de Jerónimo de Almeida), Filinto Nina; «Chorando a Cantar» (Versos de Silva Tavares), J. Ferreira das Neves; «Ave Verum», Mozart; «Modas do Minho» (Rapsódia), Filinto Nina.

A Orquestra Vimaranesse, sob a regência do distinto violinista sr. António Guise, colaborou neste Sa-

rau, executando composições magníficas que contribuíram para o êxito obtido.

Felicítamos, pois, o ilustre maestro sr. Filinto Nina, a direcção e componentes do Orfeão de Guimarães, desejando, ao mesmo tempo, que se repitam as suas festas durante as quais novos louros vão sendo conquistados para o florescente grupo orfeónico, e agradecemos os convites.

Alfredo Caldeira, em Bragança e a Orquestra Norte-Portugal

Há poucos dias apresentou o nosso querido amigo sr. Alfredo Caldeira, em Bragança, a Orquestra Norte-Portugal, o que constituiu naquela cidade um verdadeiro sucesso, como era de esperar, conhecidas, como são, as qualidades de inteligência e tenacidade do distinto Artista.

Compõe-se a excelente Orquestra de 12 executantes admiráveis e disciplinados e constituiu a festa inaugural um autêntico triunfo, onde não faltou nem Arte nem alegria e justificado entusiasmo.

Tocando admiravelmente, colheram demorados aplausos.

A Alfredo Caldeira que em Bragança como em Guimarães e outras localidades se popularizou, mereça das suas raras qualidades, um abraço sincero com o desejo de muitas felicidades.

Minhas Senhoras

V. Ex.ªs encontram um bom sortido de malinhas modernas, últimos modelos para senhora e criança, a preços baratíssimos, desde 5500!! Guarda-chuvas de seda e algodão, os mais modernos, só na Camisaria Martins, a Casa das Meias. (235)

Inquérito às Associações Mútuas de Seguro de Gado Bovino

Pela Direcção Geral da Acção Social Agrária, dependência do Ministério da Agricultura, acabam de ser publicados os dois primeiros volumes do «Inquérito às Associações Mútuas de Seguro de Gado Bovino».

São dois grossos volumes de 500 páginas cada, com dados estatísticos, e todas as informações sobre a vida das associações dos concelhos de Penacova e Viana do Castelo, o primeiro e de Coimbra e Caminha o segundo. Por eles se verifica todo o movimento das respectivas associações, incluindo actas, estatutos, serviços prestados, etc.

E' pois, uma obra da mais alta importância, feita com o intuito de atingir-se um melhor aproveitamento de esforços e valores e que revela o critério que orienta o Ministério da Agricultura no sentido de dar o maior rendimento às nossas forças económicas, critério, de resto, já praticamente afirmado em tantas das suas iniciativas.

Segundo a exposição que antecede este importantíssimo trabalho: «O inquérito às Mútuas de Seguro de Gado e às Associações Comunitais com fins pastoris, tendo por fim alcançar o maior número de elementos monográficos, estatísticos e críticos, dar-nos-á não só a medida da extensão do movimento espontâneo, operado pelas referidas associações, como a forma variável por que têm procurado realizar os seus objectivos, dando ensejo a uma acção consciente e efectiva dos órgãos oficiais, com resultados manifestamente úteis para a economia agrícola, pelo consequente melhoramento da produção e qualidade do armento nacional».

Verifica-se por estas palavras quanto podem interessar os dois volumes agora publicados.

DOENÇAS DOS OLHOS

Dr. A. Villas-Boas e Alvim com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris.

CONSULTAS

Em Guimarães: Hospital da Santa Casa da Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 h.

Em Braga: Todos os dias úteis. (219) L. Barão S. Martinho, 78.

FALCIMENTOS e SUFRÁGIOS

João Serafim da Silva Ribeiro

Na capela da V. O. T. de S. Domingos celebrou-se na segunda-feira passada a missa comemorativa do 2.º aniversário do falecimento deste nosso saudoso amigo e antigo administrador do «Notícias de Guimarães», tendo assistido ao piedoso acto a família e algumas pessoas das relações do chorado extinto.

D. Ismália da Silva Cardoso

Faleceu há dias, após dolorosos sofrimentos e contando apenas 28 anos de idade, a sr.ª D. Ismália da Silva Cardoso, que era casada com o sr. Domingos de Almeida Ribeiro, empregado da Empresa Industrial do Pevidém, a quem, bem como à restante família dorida, apresentamos condolências.

O funeral foi largamente concorrido, tendo-se incorporado no préstito muitos parentes e amigos da família, uma representação do Orfeão de Guimarães, etc.

— Faleceu, em Ronfe, a sr.ª D. Maria da Silva Martins. Os nossos pezames.

Maria Celeste Macedo

Paralela e Enfermeira Visitadora de Higiene (231)

Rua do Conde D. Henrique, 22

Mercearia

Passa-se em boas condições por motivo de ausência, bem situada e aluguer barato. Falar nesta Redacção. (232)

ALUGA-SE o prédio onde esteve instalada a «Pensão Arcádia» — Largo 28 de Maio.

Falar com o seu proprietário José Pinheiro Guimarães morador no dito Largo, N.º 21 (221)

BOLETIM ELEGANTE

Aniversários natalícios

D. Deolinda Ribeiro Jorge — Passou no dia 1.º o aniversário natalício da ex.ª sr.ª D. Deolinda Ribeiro Jorge, dedicada esposa do nosso querido amigo e respeitável vimaranense sr. dr. Adelino Jorge. Os nossos cumprimentos.

Dr. David Oliveira — No dia 25 de Dezembro fez anos este nosso bom amigo e ilustre Professor Liceal, a quem, embora tarde, felicitamos sinceramente.

José Ramos Camisão — No mesmo dia passou o aniversário natalício do nosso prezado amigo e digno Tesoureiro de Finanças sr. José Ramos Camisão a quem igualmente e sinceramente felicitamos.

Avelino da Silva Guimarães — No próximo dia 6 passa o aniversário natalício do nosso bom amigo, conceituado comerciante e digno Patrão Honorário dos B. V. de Guimarães sr. Avelino da Silva Guimarães. As nossas felicitações.

Agostinho Dias de Castro — Fêz anos no mesmo dia o nosso amigo sr. Agostinho Dias de Castro. Parabéns.

Chefe António José Vieira — Fêz ontem angs o digno Chefe da P. S. P. e nosso bom amigo sr. António José Vieira. Felicitamo-lo por tal motivo.

— Passou no dia 30 o aniversário natalício do nosso amigo o sr. José Manuel da Veiga Correia, conceituado negociante Portuense.

Entre nós

Entre muitos outros nossos amigos têm estado em Guimarães os srs: Comandante António Garcia de Sousa Ventura, António Augusto Teixeira dos Santos e esposa, Coronel Gaspar do Couto Ribeiro Vilas, Coronel Luis Pereira Loureiro, dr. Joaquim Roberto de Carvalho, Francisco, Manuel e Lino Teixeira de Carvalho, Delfim de Guimarães, distinto poeta vimaranense, José Neves Correia Gomes, dr. Humberto Maranhão Pereira Maciel, Custódio Vila Nova e Herculano Dias de Castro.

— Na passada sexta-feira esteve entre nós acompanhado de sua esposa e cunhada o nosso prezado amigo sr. Francisco Costa, importante negociante da praça do Pôrto.

Doente

Está gravemente enfermo, inspirando sérios cuidados, o sr. António Lopes Martins que a sua freguesia — Mesão-Frio — tem prestado relevantes serviços. Desejamos-lhe as melhoras.

Diversas

Regressou, com sua esposa e galante filho, de Fermil de Basto, o nosso bom amigo e ilustre 2.º Comandante dos B. V. sr. António de Sousa Lima.

— Fôram passar o Natal a Viana do Castelo, Amarante, Pôrto e Vizela, respectivamente, e com suas famílias, os nossos amigos srs. José de Sousa Roriz, José Fonseca, José Fernandes, Manuel Castro e Mário de Sousa Menezes.

Casamentos

Celebrou-se, no passado dia 30, na capela particular da Casa da Prelada — Lixa —, o auspicioso enlace do nosso querido conterrâneo e amigo, sr. Dr. José Maria de Moura Machado, ilustre professor do Liceu Pedro Nunes, de Lisboa, filho da ex.ª sr.ª D. Rita Martins Ribeiro de Moura Machado e do dr. José Maria de Moura Machado (já falecido), com a ex.ª sr.ª Senhora D. Maria Eduarda Soares de Moura Macedo de Freitas, gentil e prezada filha da ex.ª sr.ª D. Maria da Conceição Soares de Moura Quintela Macedo de Freitas e do sr. dr. Eduardo de Freitas.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seu tio, o sr. Alberto Soares de Moura Quintela, e sua tia a ex.ª sr.ª D. Violentina de Freitas; por parte do noivo, sua mãe, a ex.ª sr.ª D. Rita de Moura Machado, e seu irmão o nosso prezado amigo sr. dr. Eduardo de Moura Machado.

Aos noivos, que são dotados de superiores qualidades de carácter e possuidores de esmeradíssima educação, auguramos um porvir nimbado de felicidade e ventura.

— No penúltimo sábado realizou-se na igreja do Carmo o casamento da sr.ª D. Maria da Vitória de Oliveira Machado, gentil filha do nosso amigo e conceituado industrial sr. Joaquim de Oliveira Machado e de sua esposa a sr.ª D. Maria Glória de Jesus, com o sr. Domingos de Paiva Rebelo, filho do proprietário da vizinha cidade de Braga sr. José Joaquim da Silva Rebelo e de sua esposa a sr.ª D. Inês de Paiva Rebelo.

Fôram padrinhos, por parte da noiva, sua tia a sr.ª D. Deolinda de Oliveira Machado, e seu irmão o sr. Amadeu de Oliveira Machado e por parte do noivo sua irmã a sr.ª D. Maria Paiva Rebelo e o sr. João Pinto Ribeiro.

Em casa dos pais da noiva foi servido, após o acto, um delicado copo d'água. Aos noivos desejamos muitas felicidades.

— No mesmo dia e no templo da Misericórdia, realizou-se o enlace matrimonial do nosso prezado amigo sr. António Vieira Novais com a sr.ª D. Laura de Sousa Neves, gentil filha do falecido industrial sr. Joaquim de Sousa Neves e de sua esposa a sr.ª D. Laura de Freitas Neves.

Aos noivos desejamos, igualmente, um futuro repleto de prosperidades.

Um arqueólogo inglês visita os Museus da S. M. S.

Esteve em Guimarães o ilustre arqueólogo inglês, sr. Huberto Savory, da Universidade de Oxford, que veio propositalmente visitar o Museu Arqueológico da Sociedade de Martins Sarmento e a Citânia de Briteiros.

O ilustre visitante foi acompanhado nas suas visitas pelos srs. capitão Mário Cardoso e Alberto Vieira Braga, membros da Sociedade.

Vende-se

Vende-se a quinta d'Assubida, freguesia de Santa Eufémia de Prazins, concelho de Guimarães, com casa de viver e água de rega.

Falar na Praça do Mercado da Póvoa de Varzim, no talho de carnes verdes Entrecampos de José Gonçalves Giesteira. (230)

DA CIDADE

Pelo Ensino — Horário das aulas no Liceu — No próximo dia 7 de Janeiro entra em vigor no Liceu de Martins Sarmento o novo horário das aulas que passam a começar às 8 horas e 10 minutos.

Nesse dia, quinta-feira, haverá as seguintes aulas que vão indicadas pela sua ordem:

1.º ano — Português, Matemática, Ciências Geográficas-Naturais e Francês.

2.º ano — Francês, Português, Matemática, Canto Coral, Desenho.

3.º ano — Ciênc. Geográficas-Naturais, Francês, Português, Desenho.

4.º ano — História, Português-Latim, Inglês, Ciênc. Práticas (dois turnos).

5.º ano — Higiene e Educação Física, Inglês, História, Português-Latim.

6.º ano — Ciências, Matemática, Português-Latim, História.

Aprovado em Concurso — No concurso para informadores fiscais, tirou a honrosa classificação, de 13 valores, n.º 28 da classificação geral, o nosso prezado amigo, sr. Arnaldo de Sousa Lobo, a quem felicitamos.

A 7500 III

Sapatos de agasalho para senhora e homem. O maior sortido em calçado de agasalho, para senhora, homem e criança. O mais barato só na Camisaria Martins a Casa das Meias. (213)

Doença súbita — Na quinta-feira, pouco depois das 16 horas, na Rua de S. Francisco, foi acometido de doença súbita Jacinto Fernandes, casado, jornalista da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, natural da freguesia de S. Pedro de

Azurém e nela residente. Compareceu a polícia que tomou as providências necessárias.

Também ali se apresentou acto continuo ao lamentável incidente o empregado superior da Companhia, sr. João Sampaio que fez o transportar o infeliz para o hospital de S. Francisco, onde faleceu.

Chamado o médico de serviço, apenas constatou o óbito.

Há longo tempo que a Direcção da Companhia tinha dispensado dos seus serviços o Jacinto, visto lutar com a terrível tuberculose, pagando-lhe o seu ordenado, e ainda o tratamento indispensável àquela enfermidade.

Deixa família em precárias circunstâncias.

Ceia dos Pobres — Decorreu com brilho e animação a Ceia aos Pobres, servida ante-ontem à noite na Casa dos Pobres, sendo contemplados mais de 300 indigentes.

Missa à Sr.ª da Ajuda — Na capela de S. Lázaro, onde se venera a imagem de Nossa Senhora da Ajuda, Padroeira dos Operários da Indústria Textil, celebrou-se ontem uma missa que foi abrihantada pela Banda dos B. Voluntários.

Passagem do ano — A passagem do ano foi festejada, em diversos pontos da Cidade, com vivas etc. Em alguns centros de reunião estoiraram garrafas de champagne e os vivas sucediam-se. Houve algumas animadas reuniões, em casas particulares.

Queda desastrosa — Em virtude de uma queda, fracturou o braço esquerdo o industrial do Pevidém, sr. Augusto Pinto Lisboa, a quem desejamos pronto restabelecimento.

Pela Instrução — Passou a 2.ª diuturnidade o professor primário sr. Artur dos Santos Rodrigues, pelo que, sinceramente, o felicitamos.

CARTEIRA com documentos PERDEU-SE

Perdeu-se uma carteira com documentos e gráfica-se quem a entregar na nossa redacção. (233)

Cantando as «Janeiras»

Visitou-nos o Grupo «Os Amigos da Cidade»

Na sexta-feira à noite visitou-nos, cantando as «Janeiras», o já conhecido e popular Grupo «Os Amigos da Cidade», de que faz parte o sr. Abraão Pereira, que veio dar-nos as boas-festas, cantando os Reis de 1937, cuja letra intitulada «... E siga a Dança», é da autoria do sr. João Xavier de Carvalho.

Em forma de revista e composta por interessantes números de crítica à Cidade, a letra mereceu-nos atenção e não resistimos à tentação de transcrever aqui algumas partes. Depois da tradicional saudação de boas-festas e uma ligeira referência ao passo de Lésma em que tem andado a nossa desventurada terra *Zé Povo*, habilmente interpretado por Abraão Pereira, comenta:

Vim hoje da minha aldeia
E logo presenciei
Que a Cidade está cheia
Do que nunca imaginei.

No Teatro Afonso Henriques
Reina uma enorme alegria
Está agora todo «triquês»
Pois já lá tem companhia.

E vai causar sensação
A estreia nesta cidade!
A «Companhia Sabão»
E' de alta qualidade.

A operária fabril:

Bendito seja o salário
Que elevou o operário
A's datas de excelência!
Sou da alta Sociedade,
E' vaidade?
Paciência!

Um varredor:

Enquanto podes luxar
E frizar o penteado
Eu ando aqui a ganhar
«Dez reis de mel cuado!»

O crítico:

Tempos que lá vão
Que deixaram pena,
Em que a gente por nm tostão
Já via, de pé, cinema!

O côro, bem harmonizado, faz realçar os solos. *Explorador*, surge e canta:

Não podia desprezar,
O convite desta gente,
E vim hoje procurar,
A estátua Gil Vicente.

O aviador:

Cheguei a esta cidade
Com firme disposição,
De escolher de verdade
Um campo d'Aviação!

Volta o Zé Povo:

Por causa dela,
E só por causa dela,
E' que ali em S. Crispim
Nos taparam a viela!

O côro acompanha e canta, depois de mais algumas interessantes quadras a *Marcha Fnal*.
Um quarteto acompanhava o Grupo. Guarda roupa adequado e boa caracterização.
E' digno de ouvir-se o Grupo dos *Amigos da Cidade* a quem felicitamos.

Da discussão nasce a luz!



Discutir a caneta
CONKLIN

é adoptar a caneta
CONKLIN

Esta afamada caneta, encerra toda a engenharia da indústria moderna! Sistema transparente, contando as palavras que escreveu e as que pode escrever SEM REENCHER.

Aparo "RHODIME", escrevendo de duas formas!

Não causa borrões, apesar da grande capacidade de tinta! (Sistema patenteado em todo o Mundo).

Beleza!
Qualidade!
Engenharia!

Deseja V. Ex.^a obter esta tradicional marca mundial por 2\$50, 5\$00, 7\$50 ou 10\$00, valores respectivos de 75\$00, 165\$00, 230\$00 e 330\$00?

Inscrova-se sem demora nos sortelos semanais da
CASA DAS NOVIDADES
Rua da República GUIMARÃIS



RESTAURANTE COSTA

Alfredo da Costa e Silva Guimarães

P E N H A — TELEFONE, 114 — GUIMARÃIS

Almoços Jantares

Serviço à lista Preços módicos

ESPECIALIDADE EM VINHOS DA REGIÃO



A Lutuosa de Portugal

(Associação de Socorros Mútuos)
FUNDADA em 1 de Julho de 1927

Séde e propriedade
Avenida das Nações Aliadas, 168
P O R T O

Telefone 5135

Admite associados de ambos os sexos desde os 16 aos 45 anos de idade

Concede subsídios únicos de

5-10-15-20-25 ou 30 contos

pagáveis às famílias ou beneficiários dos associados

População associativa	13.421 Sócios
Fundos capitalizados	12.158 contos
Subsídios pagos	22.227

Cotização mensal acessível a todas as bôlsas e em relação à idade e ao subsídio em que se inscrevam

Peçam propostas para inscrição de novos associados

Sócio-correspondente em Guimarães:

António da Silva-Rua de S. Dâmaso, 89

Vitória! Vitória!

Os pastéis da Vitória

são da Vitória!

O bolo rei da Vitória

é da Vitória!

Os doces da Vitória

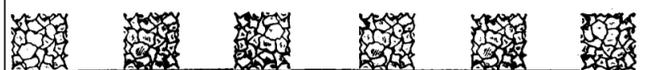
são da Vitória!

¿ E quem é Campeão? O VITÓRIA!

Pastelaria VITÓRIA

III
Rua da República

GUIMARÃIS



Sociedade Norténia, L.^{da}

Praça Carlos Alberto, 110-1.º

Telef. 6414

== PORTO ==

Compra, vende e hipoteca

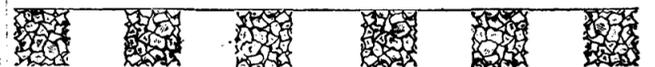
Propriedades.

Sub-agentes:

(155)

Gomes Alves, Matos & C.^a

Toural -- GUIMARÃIS -- Telef. 133



Fábrica
de Tecidos
da Cruz
de Pedra, L.^{da}

Telefone, 190

GUIMARÃIS

Fábrica de Pentes do Ribeirinho

Fornecedores dos principais Armazens Exportadores

Casa Fundada em 1908

TELEFONE, 128

Pentes ◊ Travessas ◊ Ganchos

Calçadeiras ◊ Agulhas para Lã



== GUIMARÃIS ==

FABRICA DE TECIDOS

— DA —

RUA DA LIBERDADE

— DE —

António de Sousa

TELEFONE 145

Rua da Liberdade

GUIMARÃIS